

Memória e Pandemia: competências bibliotecárias em momentos de crises

Memory and Pandemic: library competences in times of crisis

Débora Crystina Reis

Mestranda em Ciência da Informação pela
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
Bibliotecária do Complexo Hospitalar de
Urgência da FHEMIG.
E-mail: deboracryreis@gmail.com

Ana Paula Meneses Alves

Doutora em Ciência da Informação pela
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Filho (UNESP). Docente do Departamento de
Organização e Tratamento da Informação da
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).
E-mail: apmeneses@eci.ufmg.br

RESUMO

A pandemia modificou vários processos da sociedade em diversos setores, incluindo mudanças para bibliotecas e bibliotecários, dessa forma, tem-se como objetivo desse trabalho analisar as ações realizadas pelos bibliotecários e bibliotecárias do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais, para registrar esse momento, como objetivos específicos elencamos a) estudar momentos traumáticos e a memória desses e b) estudar as competências bibliotecárias relacionadas à memória. Essa pesquisa pode ser considerada exploratória, com uma abordagem quali-quantitativa, como procedimentos metodológicos utilizamos o levantamento com um formulário estruturado para coleta de dados. Obteve-se 17 respostas, em que, 2 profissionais consideram realizar ação voltada para o registro do momento pandêmico e a partir das demais respostas, considera-se que os profissionais sentiam-se inseguros quanto às mudanças, além disso, é incorreto dizer que esses profissionais não desenvolveram competências a partir dessa vivência. Para trabalhos futuros, pode-se analisar a carga de trabalho acumulada, em detrimento da pandemia, das bibliotecárias e como isso afetou seus afazeres e entender o conceito de “memória” dos bibliotecários do universo pesquisado.

Palavras-chave: Competências profissionais. Bibliotecários. Pandemia. Memória

ABSTRACT

The pandemic has modified several processes of society in various sectors, including changes to libraries and librarians, in this way, the objective of this work is to analyze the actions carried out by libraries and librarians of the Library System of the Federal University of Minas Gerais, to record this moment, as specific objectives we list a) to study traumatic moments and their memory and b) to study librarian skills related to memory. This research can be considered exploratory, with a quali-quantitative approach, as procedures we used the survey with a structured form for data collection. 17 responses were obtained, in which 2 professionals consider performing action aimed at recording the pandemic moment and from the other responses, it is considered that professionals felt insecure about the changes, in addition, it is incorrect to say that these professionals did not develop skills from this experience. For future work, one can analyze the accumulated workload, caused by the pandemic, for the librarians and how this affected their tasks and understand the concept of “memory” of librarians in the universe of research.

Keywords: Professional competences. Librarians. Pandemic. Memory.

1 INTRODUÇÃO

O momento pandêmico que vivenciamos não é algo usual, muito menos confortável, visto que diariamente pessoas perdem a vida ou estão lutando para continuar vivas. A COVID- 19, doença transmitida pelo coronavírus, foi categorizada como pandemia em 11 de Março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para conter a transmissibilidade do vírus, foram indicadas diferentes ações e que evoluíram conforme o vírus se proliferava. Dentre as ações propostas pela OMS, em nível mundial e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) em nível regional, há importantes medidas não-farmacológicas, como higienização das mãos e dos ambientes sociais e o distanciamento social.

O distanciamento social, pode ser dividido em 3 tipos, segundo o Ministério da Saúde:

- O distanciamento social ampliado (DAS): estratégia não limitada a um grupo específico, na qual é recomendado a sociedade, como um todo, que permaneça em distanciamento. Essa estratégia pode atingir ambientes considerados não-essenciais;
- Distanciamento social seletivo (DSS): nesta estratégia, alguns grupos são selecionados para realizar o distanciamento, podendo ser grupos de risco, como idosos e pessoas com doenças preexistentes, pessoas obesas, dentro outros grupos específicos;
- Bloqueio total ou *Lockdown*: nível mais alto de distanciamento, caracteriza-se por um bloqueio total, apoiado por profissionais da segurança pública, seja em um perímetro isolado ou de forma geral.

No Brasil, o governo federal, de modo geral, e em especial no período mais crítico da pandemia, apresentou dificuldades para administrar o que é esperado para este momento de crise sanitária, no entanto, algumas instituições que têm autonomia, tomaram ações para proteger sua comunidade. Nesse grupo, temos as Universidades Federais, autarquias federais que desenvolveram ações para diminuir o impacto da pandemia e o contato entre alunos, funcionários, professores e a comunidade do entorno.

No início, diferentes soluções foram apresentadas e discutidas no âmbito das diferentes universidades federais do país. Especificamente no contexto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), as primeiras ações foram focadas em ações preventivas e de higienização, como o aumento da limpeza dos locais, restrições quanto à viagens ao

exterior (ida e retorno) para alunos, docentes e técnicos, mas a partir do aumento de casos nas cidades com campus da Universidade em Belo Horizonte e Montes Claros, a UFMG publicou uma portaria suspendendo as atividades presenciais, por tempo indeterminado (UFMG, 2020a).

Após essa publicação, uma série de outras ações foram estabelecidas pela UFMG, começando pela instituição de uma Comissão Permanente das Ações de Prevenção e Enfretamento do Novo Coronavírus encarregada de estabelecer diretrizes referentes à prevenção ao COVID-19. (UFMG, 2020b).

A partir da constituição da Comissão Permanente e do diálogo constante dentre as diferentes esferas da Universidade, outras condutas foram instituídas para manter a proteção e o cuidado com a comunidade universitária, bem como mantendo um funcionamento mínimo e adequado àquele momento para as atividades da instituição. Uma das decisões tomadas foi o retorno das aulas de graduação e pós-graduação, em modalidade remota ou Ensino Remoto Emergencial (ERE). Antes desta decisão, a UFMG trabalhou para uma melhor inclusão digital de alunos e professores, que eventualmente não tivessem condições de acesso a recursos tecnológicos. Foram realizadas medidas como auxílio financeiro para contratação de internet, empréstimos de notebooks e computadores, bem como apoio para compra de aparelhos tecnológicos.

Com base nesse contexto de ensino remoto, pandemia e mudanças bruscas na rotina da sociedade, tendo como foco a realidade da UFMG, nasce a problemática deste artigo, “como os bibliotecários estão trabalhando em prol da memória da pandemia?”. É esperado das bibliotecas e de seus profissionais que estejam presentes na vida acadêmica dos alunos, professores e demais atores na Universidade, portanto, conhecer e registrar o seu funcionamento durante este período atípico, mostra-se importante para compreender o seu papel neste momento de crise. Para tanto, define-se como o objetivo geral analisar as ações realizadas para registrar esse momento, a partir das narrativas disponibilizadas por profissionais do Sistema de Bibliotecas da UFMG e, como objetivos específicos, delineou-se: a) estudar momentos traumáticos e memória e b) estudar as competências bibliotecárias relacionadas à memória.

Para tanto, este artigo está organizado com uma breve introdução do assunto do trabalho, seguido pela seção intitulada “Pandemia, um momento traumático” que discute sobre o conceito de momentos traumáticos na história e contextualiza a pandemia a partir dos critérios elencados pelos trabalhos anteriores, após essa seção seguimos para a

exposição sobre as competências bibliotecárias em “Biblioteca, bibliotecário e suas competências” que argumenta sobre as competências gerais e as voltadas à memória. Na seção “Metodologia” serão pormenorizados os métodos adotados para o passo a passo da pesquisa, seguido das “análises e resultados” da investigação e, por fim, as “considerações finais”.

2 PANDEMIA: UM MOMENTO TRAUMÁTICO

A pandemia é decretada quando alguma doença é amplamente transmitida, em diversos países. No caso da COVID-19, quando foi declarada a pandemia, o vírus já estava presente em 114 países. Em outros momentos houveram pandemias causadas por outras doenças, diferentes sintomas e medidas de contenção e prevenção. Segundo Schueler (2020), ocorreram 6 pandemias, excetuando-se a de COVID-19, sendo a mais recente em 2009, com duração de cerca de 1 ano, a chamada “gripe suína”, que matou 300 mil pessoas. Com a COVID-19 temos 2,76 milhões de mortos no mundo todo, sendo 303 mil apenas no Brasil¹². (HOPKINS UNIVERSITY E MEDICINE, J., 2021).

Na atual pandemia, como dito anteriormente, foram tomadas medidas de contenção como o distanciamento social, que fez com que diversas empresas adotassem o *home office* como novo modelo de trabalho, em contrapartida ao expediente presencial. Mesmo com esta medida, muitas empresas não resistiram e acabaram fechando, elevando os índices de desemprego, que segundo relatórios governamentais chegou ao patamar de 14,6 milhões de pessoas, até então recorde de desemprego no país (IBGE, 2020). Ainda sobre empregabilidade, podemos citar a vivência das mulheres, que foram as mais afetadas, sendo as mais demitidas, chegando no menor patamar de participação no mercado de trabalho em 30 anos (FONSECA; SUTTO, 2021), segundo aponta relatório “Sem Parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” em que, 50% das mulheres passaram a cuidar de alguém na pandemia, além dos relatos de maiores carga de trabalhos quando foram mantidos empregos e seus salários e concomitante à isso, 40% de mulheres afirmam que a situação pandêmica colocaram a sustentação da casa em risco (SEM PARAR..., 2020). Somado a isso, o distanciamento social também foi amplamente recomendado para pessoas que não moravam no mesmo núcleo familiar,

¹ Dados do dia 26 de Março de 2021. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

forçando assim, famílias inteiras a não participarem em conjunto de diferentes festividades comemoradas durante o ano (G1, 2020).

Segundo Farias e Pinto (2016), uma experiência traumática pode ser descrita como uma ação violenta ou de cunho agressivo, que modifica um organismo pela produção de algum dano. Durante a História tivemos vários momentos e eventos considerados traumáticos, como por exemplo, a Escravidão, as Guerras Mundiais e o Holocausto, que além de ceifar inúmeras vidas, estiveram presentes por anos e mudaram a dinâmica social da sociedade da época, seja econômica, física ou psicologicamente.

Essas experiências e eventos traumáticos, segundo Pollack (1992), podem traumatizar uma região ou grupo. A memória traumática, pode ser transmitida por anos e com alto grau de identificação para os que passam e recebem seus relatos. Podemos mencionar como, a título de exemplo, a Escravidão Negra, momento no qual, segundo Silva (2021), é necessário observar a carga de desigualdades vivenciadas pela pessoa negra, pois a mesma influencia o desenvolvimento psico-social do sujeito e corrobora com a ideia da transmissão e da identificação com os relatos.

Estima-se que a Primeira Guerra chegou a matar 20 milhões de pessoas em 4 anos, a Segunda Guerra foi a responsável por 60 milhões de mortes, o Holocausto tem como estimativa de mortos entre 4,7 e 6 milhões, e a Escravidão foram 4,9 milhões de africanos trazidos apenas para o Brasil (ROSSI, 2018). Especificamente sobre a Escravidão, temos um imaginário distorcido, como citado por Silva (2021), na memória de um descendente de escravagista: para tal, a escravidão ou sub empregar não são considerados tão mal, ou talvez um mal menor.

Trazendo para o contexto das pandemias, a gripe espanhola vitimou cerca de 20 milhões de pessoas em apenas 2 anos (1918-1920) (KIND; CORDEIRO, 2020; SHUELER, 2020). Para além da irreparável perda de vidas, podemos citar todas as mudanças sociais, políticas e econômicas que cada um desses eventos foi responsável, como a separação de famílias inteiras por causa do território, seja pela necessidade de modificar a vivência coletiva, a convivência com a fome, pobreza e doenças.

Dado essa contextualização, acredita-se que a pandemia pode ser considerada um momento e evento traumático, resguardadas as proporções dos eventos do início do século XX. Para tanto, é necessário pensar o modo de recordação de tais eventos traumáticos, seus atores sociais e narrativas envolvidas. O Holocausto e a Escravidão são eventos traumáticos, os quais podemos adotar para analisar como a memória é moldada

a partir da coletividade e do contexto. Essas memórias são perpetuadas futuramente e é possível reafirmar que a memória tem duas versões: as versões oficiais ou enquadradas e as versões subalternizadas ou marginalizadas (POLLACK, 2006).

As memórias enquadradas ou oficiais, são aquelas produzidas para controle de uma imagem, trabalhadas em prol de conduzir a memória social e, em geral, são dominantes e utilizadas para manter a estrutura social e política. Já as memórias subalternizadas são aquelas defendidas por grupos envolvidos, mas que pelo controle de narrativas, não são levadas em consideração ou por vezes, invisibilizadas (POLLAK, 2006).

Um dos mecanismos para que as memórias e recordações desses momentos sejam guardadas e repassadas a geração futuras é a escrita. Farias e Pinto (2016) citam que tem havido um esforço para produzir registros sobre os eventos do início do sec. XX, a fim de documentá-los e construir uma resistência para minimizar ou tentar impedir que tais eventos ressurgam.

[...] esse movimento de escrita sobre esses acontecimentos representa o imperativo criado por políticas de memória de que é preciso deixar rastros e vestígios sobre determinados acontecimentos, a fim de que não caiam no esquecimento voluntário e sejam, então, mapeados pela história. (FARIAS; PINTO, 2016, p. 177).

O movimento citado por Farias e Pinto (2016) pode ser ligado a necessidade de rememorar os fatos, também citado por Pollak (1992, 2006), que nos traz a discussão sobre o silêncio ser uma forma de reconforto, uma vez que, as memórias criadas por eventos traumáticos podem ser tão dolorosas para um grupo que os envolvidos sentem receio dos sentimentos que são aflorados, seja a culpa, vergonha, gerando assim, uma memória guardada.

[...] as recordações de eventos muito estressantes e traumáticos são extremamente detalhadas, bastante constantes e, até onde se pode avaliar, muito autênticas. É bem verdade que essas recordações traumáticas estão sujeitas a enganos e a processos de esquecimento ao longo do tempo, como ocorre com qualquer outro tipo de recordação. (BOHLEBER, 2007, p.162).

Deste modo, é preciso discutir memórias dos grupos, no caso deste trabalho,

memórias de bibliotecários universitários, pensando que a pandemia modificou a organização social, trabalhista e econômica e, por consequência, causou a metamorfose no modo de agir, no trabalho, nos serviços prestados no ambiente e modo de trabalho destes profissionais. Desta forma, é necessário discutir a função da biblioteca como lugar de memória e do bibliotecário como um agente de memória.

3 BIBLIOTECA, BIBLIOTECÁRIOS E SUAS COMPETÊNCIAS

A instituição biblioteca passou por diferentes mudanças em seus objetivos. Em determinado momento, por exemplo, eram locais que possibilitavam o acesso a poucos. A mudança histórica social e cultural permitiu a transformação destes espaços em lugares de memória, de construção de conhecimento e de debate, vide, por exemplo, as bibliotecas nascidas na Idade Média focadas nas universidades.

Um dos objetivos da biblioteca é o de preservar, armazenar, conservar, disseminar e organizar documentos (sejam impressos ou digitais) para contribuir no resgate da memória e na produção de memórias coletivas e conhecimento, isto é, “contribuem para que, no futuro, não se estabeleça, como contraponto à sociedade do conhecimento, a sociedade do esquecimento, cujo presente será descontínuo e ausente de sentido” (CASTRO, 2006, p. 10). Desta forma, a biblioteca pode ser considerada um lugar de memória, que colabora para compreensão do presente, com suporte de um passado armazenado, podendo participar da construção de um futuro.

Segundo Silveira (2010) para instituir um lugar de memória é necessário - a partir de uma perspectiva - atribuir a este lugar duas funções: a de demonstrar que a construção do discurso mnemônico é um fenômeno com raízes sociais; e a função de reforçar a tese de que a memória resiste aos diversos entraves que possam ser interpretados ao caminho que esta memória está percorrendo.

Para atuar neste lugar de memória é necessário um profissional que tenha competências para realizar as funções demandadas por este local. Para tanto, discutiremos um pouco mais do papel do bibliotecário em lugares de memória.

A profissão de bibliotecário é regulamentada no Brasil, desde 1962, através da portaria 4.084, de 30 de Junho. Nessa portaria fica decidido que bibliotecário é aquele que possui graduação em Biblioteconomia em instituições reconhecidas pelo Ministério da Educação brasileiro. Ademais, a profissão está indicada na Classificação Brasileira de

Ocupações – CBO². Nessa classificação, o bibliotecário está sob o número 2612- 05, e tem a seguinte descrição:

Disponibilizam informação em qualquer suporte; gerenciam unidades como bibliotecas, centros de documentação, centros de informação e correlatos, além de redes e sistemas de informação. Tratam tecnicamente e desenvolvem recursos informacionais; disseminam informação com o objetivo de facilitar o acesso e geração do conhecimento; desenvolvem estudos e pesquisas; realizam difusão cultural; desenvolvem ações educativas. Podem prestar serviços de assessoria e consultoria.

Para além da descrição da profissão, é importante pensar nas competências e conhecimentos necessários para exercê-la. Nesse intuito, podemos dividir competências profissionais e pessoais, além de organizacionais e individuais, mas focaremos nas competências profissionais e individuais para a linha de análise desta pesquisa.

Competências são um conjunto de conhecimentos, habilidades e saberes adquiridos durante toda a vida, que permitem o saber- fazer em determinada área (VALENTIM, 2000). Já as competências individuais estão no nível de qualificações de mão-de-obra focado na empregabilidade (GUIMARÃES, 2000), sendo, desta forma, relacionadas às competências profissionais que são ligadas ao conhecimento de determinada área, somado ao saber mobilizar esse conhecimento para determinada situação e executar os saberes envolvidos.

De fato, se fizermos uma incursão pela história da Biblioteconomia veremos que a figura do bibliotecário emerge para o grupo das profissões humanas como o artífice responsável pela organização e salvaguarda do patrimônio intelectual concebido ao longo dos tempos. [...] os bibliotecários foram representados como sábios humanistas portadores de uma memória prodigiosa, capaz de atribuir sentido e ordem às várias facetas do saber que vertiginosamente se acumula. (SILVEIRA, 2008, p. 87).

Em um nível geral de competências requeridas aos bibliotecários para atuarem de forma satisfatória em qualquer ambiente informacional pode-se citar diversos estudos como nos anos 2000 com a definição das competências para um “Moderno

² A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) tem como objetivo descrever características das ocupações que existem no mercado brasileiro

Profissional da Informação” (VALENTIM, 2000) e após isso a ressignificação dessas competências para atender novos horizontes a partir de Nina (2008), Barbalho e Rozados (2009), Rossi, Costa e Pinto (2014), Santa Anna (2017) entre outros.

Em todos os documentos citados há categorias de competências que podem ser consideradas com o objetivo de auxiliar na memória e preservação de documentos. Valentim (2000) na categoria “competências gerenciais”: buscar, registrar, avaliar e difundir a informação com fins acadêmicos e profissionais. Nina (2008) em “atualização profissional”: destacando a adaptabilidade à realidade flutuante e o auxiliar em objetivos internos e externos. Barbalho e Rozados (2009) indicam “participação de formulação de políticas de informação” como uma competência possível ao bibliotecário. Rossi, Costa e Pinto (2014) engendram as competências ligadas ao fornecimento de informação aos usuários. Santa Anna (2017) destaca elaborar produtos de informação, em consonância com Valentim (2000, p. 23, grifo nosso), que também ressalta a competência “formular, dirigir, administrar, **organizar** e **coordenar** unidades, sistemas, **projetos** e serviços de informação”.

Para a coordenação de unidades de informação é necessário elaborar relatórios e documentos sobre procedimentos adotados. Valentim (2000), Nina (2008), Barbalho e Rozados (2009) em seus trabalhos discorrem sobre o bibliotecário atuar na busca, registro e elaboração de informações, seja para objetivos internos da unidade, ou externos. Nesse caso, entende-se que ter competência para elaboração de relatórios, documentos e políticas de ordem gerencial é prática imprescindível e estratégica, sendo necessário retornar a esse tipo de documentação em possíveis atividades e práticas em momentos de crise, como as estudadas nesta abordagem.

Ainda na linha de competências esperadas para bibliotecários, podemos destacar a *Medical Library Association* (MLA), uma associação norte-americana que é especializada em bibliotecários que atuam na área de saúde. A MLA (2017) elaborou um documento extenso que discorre sobre as competências esperadas dos profissionais para atuação na área de informação em saúde. Tais competências, com excessão das obviamente mais técnicas e específicas, podem facilmente ser estendidas a todos os bibliotecários, pois trazem noções que abordam o desenvolvimento de habilidades que focam serviços de informação, gestão, design instrucional e profissionalismo. A seguir reproduzimos as competências da MLA para conhecimento:

- *Competency 1 – Information Services* ou Serviços de Informação: O profissional de informação para saúde localiza, avalia, sintetiza e fornece informações autorizadas em resposta a perguntas biomédicas e de saúde;
- *Competency 2- Information Management* ou Gestão da Informação: O profissional de informação para saúde organiza e torna acessíveis informações sobre biociência, dados, informação e conhecimento clínico e de saúde;
- *Competency 3 -Instruction and Instrucional Design* ou Design Instrucional e Instruções: O profissional de informação para saúde educa outras pessoas nas habilidades de biociência, clínica e saúde e competência em informação;
- *Competency 4 – Leadership e Management* ou Liderança e Gestão: O profissional de informação para saúde gerencia pessoal, tempo, orçamento, instalações e tecnologia e lidera outros profissionais e pessoas para atender às demandas institucionais;
- *Competency 5- Evidence-Based Practice & Research* ou Prática de Medicina Baseada em Evidência e Pesquisa: Um profissional de informação para saúde avalia estudos, pesquisas, usa pesquisas para melhorar a prática, realiza pesquisa e comunica os resultados;
- *Competency 6- Health Information Professionalism* ou Profissionalismo da Informação em Saúde: O profissional de informação para saúde promove o desenvolvimento das profissões de saúde e colabora com outros profissionais, com o intuito de melhorar o atendimento, acesso à saúde, informações em e para saúde e cuidados (MLA, 2017,p. 5).

Na competência 2, em especial, são descritos algumas especificidades as quais corroboram para o papel de agente de memória do bibliotecário, a saber: “conserva, preserva e arquivam documentos impressos e digitais para manter um histórico e registro acadêmico” e ainda elaboram divisões sobre básico e especialista, como “Básico: segue padrões de arquivamento, preservação digital e gerenciamento de registro” (MLA, 2017, p. 9) e “Especialista: Formula estratégias institucionais para arquivamento digital, preservação e gerenciamento de registros, promove o significado de gestão de ativos institucionais” (MLA, 2017, p. 9).

Tanus e Sánchez-Tarragó (2020) apontam que atuação de bibliotecários em pandemias é imprescindível. As autoras citam que nesse momento de emergência as bibliotecas universitárias podem demonstrar que são instituições essenciais para a comunidade acadêmica e para sociedade em geral, mesmo estando fisicamente fechadas. Um ponto a ser explorado é a infodemia, fenômeno despertado junto da pandemia de COVID-19 e que demanda serviços e *expertise* de bibliotecários.

Dado que muitas bibliotecas fecharam fisicamente, elas precisaram desenvolver alternativas para atender seus usuários e manter a segurança de sua equipe e leitores. Baptista e Servi (2020) sistematizaram ações tomadas pelas bibliotecas da Universidade Caxias do Sul, realizando, assim, uma forma de registro das atividades modificadas e

ações realizadas, que incluem empréstimo e devolução de livros, limpeza e higienização até a protocolo de reabertura das bibliotecas físicas.

Tanus e Sánches-Tarragó (2020) indicam que os serviços que envolvem as tecnologias da informação ganharam força, como por exemplo, o uso de bases de dados, repositórios institucionais, bibliotecas de acervo eletrônico, além da presença das bibliotecas nas redes sociais (Youtube, Instagram, Facebook, Twitter) como forma de comunicação com os usuários.

4 METODOLOGIA

Esse trabalho trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, exploratória e bibliográfica. Conforme Gil (2002), uma pesquisa pode ser classificada como exploratória se tem como intuito proporcionar maior familiaridade com determinado problema ou construir hipóteses, assim esta pesquisa cumpre com esta característica. Além disso, de acordo com seus procedimentos técnicos, é uma pesquisa bibliográfica que também adotou o procedimento de levantamento das informações, para o qual foi utilizado um questionário para conhecer as respostas e o público estudado.

O universo da pesquisa foram bibliotecários/as/es atuantes em bibliotecas do Sistema de Bibliotecas da UFMG (SB/UFMG). Como estratégia de divulgação o questionário foi enviado para a diretoria do sistema (Sistema de Bibliotecas da UFMG ou SB/UFMG) com pedido de divulgação exclusiva a este grupo.

Para a coleta de dados foi elaborado previamente um questionário na plataforma *Forms* do OneDrive, Microsoft. O mesmo contava com 11 perguntas entre fechadas (com múltipla escolha) e abertas (com possibilidade escrita de textos sobre determinada situação). As questões foram organizadas em três grupos: 1) “Conhecendo os profissionais”, com perguntas sobre atuação durante a pandemia e se houve a adoção de alguma estratégia de registro do momento pandêmico; 2) “Sobre as estratégias”, com questões sobre iniciativas propostas pelas unidades, objetivos e público-alvo ; 3) “Sobre usuários”, com perguntas se há iniciativas com o objetivo de atingir pessoas fora da equipe da biblioteca e, como tem sido a aceitação desse público. E por último deixamos um espaço aberto para completção.

As perguntas não permitiam a identificação do respondente, como forma de proteção dos dados dos profissionais. Também como proteção das formas de

identificação secundárias, também não solicitamos a identificação da biblioteca setorial.

4 ANÁLISES E RESULTADOS

O formulário elaborado para esta pesquisa recebeu 17 respostas de bibliotecárias, bibliotecários e bibliotecárias³ que estavam trabalhando durante a pandemia e que são bibliotecários na Universidade Federal de Minas Gerais.

O questionamento aos profissionais foi iniciado por: **“Você e a equipe da biblioteca têm realizado ações para aproximar o usuário e a biblioteca, considerando o distanciamento social? Quais ações são feitas?”**, todas as respostas foram sim e algumas com a descrição das atividades que estão sendo realizadas. A grande maioria descreveu que estão realizando atendimentos *on-line*, publicações nas redes sociais sobre novos livros adquiridos, sobre *e-books* que podem ser acessados remotamente, divulgação de eventos, etc. Ou seja, os bibliotecários estão trabalhando para divulgar os serviços ofertados e elaborando outros trabalhos para manter os usuários próximos da biblioteca, o que corrobora com Tanus e Sánches-Tarragó (2020) sobre o aumento das redes sociais como forma de comunicação durante a pandemia.

Perguntamos se eles acreditavam que dentre as ações que estão realizando, alguma era voltada para o registro do momento de pandemia e, 87% (13) dos profissionais disseram que não e apenas 13% (2) disseram que sim.

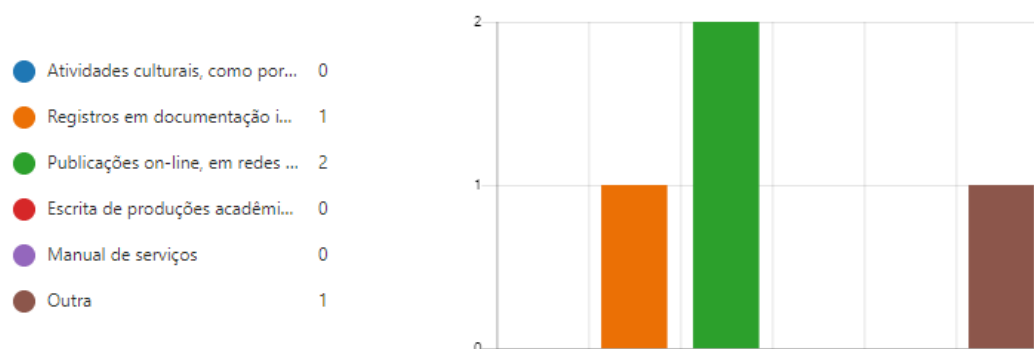
A seguir, pedimos aos bibliotecários para sinalizar qual tipo de ação eles estão realizando para o registro do momento de pandemia:

³ Essa diferenciação está baseada em uma perspectiva de gênero, uma tentativa de representação das pessoas respondentes.

Figura 1 – Ações de exemplo como registro

5. Ações como por exemplo

[Mais Detalhes](#)



Fonte: Dados da pesquisa (2021)

Descrição: Gráfico representando a pergunta “Ações como por exemplo” do questionário. Conta com três colunas, da esquerda para direita, laranja com 1 respota, verde com 2 respostas e Marrom com 1 respota. As cores representam: Laranja: Registro em documentação interna, Verde: Publicações on-line, em redes sociais e Marrom: Outra, especifique.

Na alternativa de realizar “*publicações on-line, em redes sociais*”, tivemos duas respostas, já na “*registros em documentação interna*” uma resposta e a opção outra foi assinalada também por uma pessoa. Na opção marcada como outra, o profissional especificou como “*fotos mostrando os espaços de estudo que foram interditados com fitas de isolamento*”.

Nessa questão, os respondentes podiam assinalar mais de uma opção e os dois profissionais assinalaram a alternativa “*Publicações on-line, em redes sociais, websites, blogs, etc, sobre como este período tem afetado as atividades*”. Apenas um desses assinalou “*Registros em documentação interna sobre como a biblioteca têm executado suas atividades na pandemia*”.

É importante diferenciar as respostas sobre a realização as atividades para aproximar o usuário e as atividades voltadas para a memória, uma vez que, as publicações *on-line* relatadas são voltadas para divulgação dos serviços, *lives* sobre eventos acadêmicos e não necessariamente com o intuito de relatar como a pandemia tem afetado as atividades da biblioteca.

Para os bibliotecários que responderam que estão fazendo atividades para registrar a pandemia, perguntamos ainda, se consideram que estes registros são uma memória da pandemia e ambos responderam que sim. Ainda sobre essas ações, pedimos para que relatassem sobre as ações e obtivemos “*Orientações de fontes confiáveis nas redes sociais sobre a Covid-19, também no que diz respeito aos cuidados que são*

necessários no âmbito da biblioteca (protocolo de biossegurança). Documentação interna (plano de trabalho) com as atividades que passaram do formato presencial para remoto. As ações envolvem toda a equipe da biblioteca”, do profissional que marcou duas opções. “No momento são ainda ações isoladas. Acredito que, presentemente, ainda não existe um trabalho coordenado neste sentido” do profissional que marcou a opção outra. Todas essas ações corroboram com o exposto por Baptista e Servi (2020) que também citam a criação de protocolos de biossegurança e planos de trabalho para conservar as ações tomadas nesse momento. Interessante também observar que enfatizam “as ações envolvem toda a equipe da biblioteca” o que conversa com Farias e Pinto (2016) que discorre sobre a metodologia de repassar as memórias e recordações pela escrita, sendo no contexto da biblioteca, diferentes setores engajados, como setor de referência, catalogação e indexação.

Quanto aos bibliotecários que assinalaram que não realizavam atividades para registrar o momento, perguntamos sobre os motivos que os levaram a não realizar esta tarefa e tivemos respostas como A) *“A carga de trabalho aumentou com o serviço remoto e exigiu uma reconfiguração da equipe de trabalho. Muitos colegas são idosos e/ou não possuem familiaridade com recursos on-line”*. Fortalecendo o exposto por Wellichan e Rocha (2020) em que o fator humano necessita de atenções especiais na gestão de uma unidade de informação, pois *“irá precisar de sensibilidade para compreender que a saúde mental de seus colaboradores poderá estar afetada”* (WELLCAN; ROCHA, 2020, p. 500).

Continuando as respostas sobre o motivo de não realizar atividades de memória, também foram apontadas respostas como: B) *“A mídia já tem feito isso reiteradamente.”* C) *“Devido à politização das questões relacionadas à pandemia. Variadas controvérsias relacionadas ao tema impedem a discussão e causam polêmicas e confusão.”* Observamos que tais posicionamentos sinalizam certa aversão à necessidade de rememorar o acontecimento, o que é compreensível pois segundo Pollack (2006) é algo esperado, dado que, as mudanças que ocorrem podem não ser as melhores e causar estranhamento e estresse, além disso demonstram uma aparente neutralidade por parte dos profissionais, em que, preferem não se posicionar em relação à um tema tão importante, dessa forma, consideramos um posicionamento ambíguo e preocupante, para o qual rememoramos uma afirmativa de Silva *et al.* (2021, p. 7):

A criação da biblioteca como um espaço neutro a exime de buscar formas de resolver problemas e as deficiências de informação que as comunidades enfrentam, haja vista a percepção de que a biblioteca e a profissão bibliotecária devem ser “apolíticas”. Ainda, a reivindicação da neutralidade profissional exime a pessoa bibliotecária de sua responsabilidade social e ética para a transformação social, educacional, econômica, política e de realidades de grupos excluídos e informacionalmente injustiçados nas sociedades. A assunção de uma pretensa neutralidade também afeta a esfera científica em Biblioteconomia, pois ignora a importância de se realizar estudos que documentem os efeitos do racismo, sexismo, LGBTQIAFobia e demais formas de exclusão dentro dos espaços da biblioteca, na academia e na profissão bibliotecária [...].

Respostas como D) *“Não pensamos na questão de registrar o momento histórico, apenas adaptamos as atividades que eram feitas presencialmente para modo remoto”*; e E) *“Os registros ficam gravados em e-mails.”* Tais respostas ratificam que com a mudança da dinâmica social há uma certa desorganização das ideias e dos fazeres econômica, física ou psicologicamente (FARIAS; PINTO, 2006) que pode acarretar na dificuldade de reconexão com o contexto modificado.

Além disso, obtivemos respostas como F) *“Acredito que essas ações deveriam ser centralizadas na diretoria da Biblioteca Universitária - BU (SB/UFMG) para ser mais abrangente a todos os usuários de forma mais concisa. A equipe da BU possui profissionais voltados para a área da comunicação/tecnologia que deveriam realizar as ações gerais que norteariam as ações setoriais.”*

Por fim, perguntamos se tinham algum comentário a fazer que consideram importante e se gostariam de completar com alguma outra informação, e tivemos diversas respostas, tais como: G) *“Há muitos documentos gerados neste período que poderão, futuramente, ser reunidos para orientar ações de enfrentamento de futuras epidemias.”*; F) *“Sim. O SB/UFMG poderia ser mais atuante em várias frentes de pesquisa, principalmente nos temas: Memória, Patrimônio e Preservação, Saúde mental, entre outros, uma vez que possui profissionais especialistas, mestres e doutores em seu quadro funcional.”* H) *“Além da importância dos registros sobre a pandemia, ressaltar as ações dos bibliotecários neste momento adverso, os desafios encontrados para trabalhar remotamente, a adaptação frente às tecnologias (mais uma vez).”*

É interessante observar as respostas que falam sobre outros espaços e atores sociais estarem registrando esse momento, mostra que alguns profissionais acreditam não ser competência ou atividade de um bibliotecário/a/e trabalhar com a memória de

um momento como este, o que vai contra todos o exposto por Valentim (2000), Santa Anna (2017), Barbalho e Rozados (2009) e Wellichan e Rocha (2020) que discorrem que atuação do bibliotecário está em diversos níveis, desde a elaboração de manuais específicos para a área de atuação da biblioteca até o planejamento da volta aos atendimentos e atividades presenciais. Além disso, elaborar documentos institucionais e técnicos sobre determinado acontecimento auxilia no mapeamento de ações realizadas afim de documentar e então evitar que determinadas ações aconteçam novamente, como exposto por Farias e Pinto (2016, p. 177), no caso de unidades de informação, a documentação pode auxiliar na tomada de decisões e economia de tempo.

Um dos bibliotecários expõe que acredita que a mídia já faz a cobertura mnemônica, porém podemos questionar se as notícias que a imprensa veicula abrange os lugares como bibliotecas, suas atividades e seus colaboradores. Nesse sentido, pode-se ressignificar o exposto por Pollack (2006) sobre grupos que conduzem a memória social e que bibliotecas e bibliotecários talvez não sejam representados nessas memórias.

Podemos ver que poucos são os bibliotecários que se programaram para organizar, disseminar e armazenar informações sobre a pandemia e como isso afetou a rotina de trabalho, por vezes, atribuindo a responsabilidade de registrar esse momento apenas para “mídia”. Outros acreditam que isso não seja competência do bibliotecário e muitos acreditam que esse serviço deveria ser de responsabilidade do Sistema de Bibliotecas, pensando que contam com profissionais especializados em seu quadro. Outro ponto é a necessidade do próprio SB/UFMG trabalhar as temáticas de Memória e Patrimônio com os bibliotecários e bibliotecas setoriais.

Mesmo aqueles que pedem auxílio do SB/UFMG estão desenvolvendo suas competências de memória, uma vez que, é esperado em um nível básico que o profissional siga padrões de arquivamento e preservação digital.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todos os dados apresentados, podemos considerar que os bibliotecários/as/es estão sentindo-se inseguros quanto a atuação, seja pela carga atual de trabalho, seja por considerar que existem outros profissionais mais qualificados, voltada para a memória e registro da pandemia, uma vez que, eles consideram

importante e acreditam ser de responsabilidade da Diretoria do Sistema. Alguns apontam a importância da tarefa de registrar, mas não consideram que fazem esse trabalho, dessa forma, não tendo seus processos internos documentados, como decisões tomadas, políticas implementadas.

Não podemos afirmar que tais profissionais não tenham desenvolvidas as competências colocadas como políticas, como criar políticas de armazenamento e registro das ações feitas pelos profissionais, mas podemos dizer que pelo exposto por eles, há uma defasagem na elaboração desta memória e registro, uma vez que, apenas 2 profissionais consideram o que produziram como materiais voltados para memoriar a pandemia. Sendo que, apenas um deles, cita a elaboração de um plano de trabalho interno registrando as mudanças que ocorreram na atuação da biblioteca, e cita como exemplo protocolos de biossegurança adotados e em serviços de referências específicos para o tema da COVID-19.

As respostas sobre os motivos para não trabalhar a memória da pandemia e seus efeitos nas bibliotecas, apontaram questões como o excesso de trabalho, as dificuldades com as novas tecnologias, as diferenças entre gerações, o receio quanto a politizações de questões apresentadas pela biblioteca em um cenário nacional de polarização política da pandemia, mas também nos alertou para uma questão implícita, vinculada a percepção da biblioteca e da profissão bibliotecária como “apolíticas” e/ou neutras. Esta questão nos levanta uma preocupação e também uma necessidade de um maior aprofundamento, para realmente compreender se há uma atitude de “ficar em cima do muro” vinculada e essa possível neutralidade. Infelizmente, com a amostra reduzida dessa pesquisa, bem como o foco proposto, não foi possível essa verificação neste momento, mas abre-se caminho e alerta-se para que esta observação seja conduzida com profundidade em próximos estudos.

Sugere-se, também, para trabalhos futuros, a análise da sobrecarga pelos bibliotecários, bibliotecários e bibliotecárias neste período pandêmico, pensando que o dado exposto por Fonseca e Sutto (2021) e Wellichan e Rocha (2020), pode aplicar-se aos profissionais, no caso, a equivalência a sobrecarga de trabalho nos afazeres domésticos.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Michele Marques.; SERVI, Márcia Gonçalves. Biblioteca universitária em meio à pandemia da COVID-19: relato de experiência das bibliotecas da universidade de caxias do sul. **RevIU: Revista Informação & Universidade**, São Paulo, v. 2, n. esp. Dossiê COVID-19, 2020. Disponível em: <http://reviu.febab.org.br/index.php/reviu/article/view/36/30>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- BARBALHO, Célia Regina Simonetti.; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. Gestão do conhecimento através do mapeamento de competências: O case do Sistema CFB/CRB. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**, 23, Bonito, 2009. Disponível em: <http://repositorio.cfb.org.br/handle/123456789/57?mode=full>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Medidas não-farmacológicas**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/medidas-nao-farmacologicas>
- BOHLEBER, Wener. Recordação, trauma e memória coletiva: a luta pela recordação em psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 41, n. 1, 154-175, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n1/v41n1a15.pdf>
- CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O nome da Rosa”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 4, n. esp, p. 1-20, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2026/2148>
- FARIAS, Francisco R de.; PINTO, Diana de Souza. Memória social em situação traumática. **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.
- FONSECA, Mariana.; SUTTO, Giovanna. **Participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos** – e a pandemia é parte do problema. Infomoney, 4 fev 2021. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/carreira/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos-e-a-pandemia-e-parte-do-problema/>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUIMARÃES, José Augusto Chaves. O profissional da informação sob o prisma de sua formação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. Disponível em: <https://abecin.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Profissionais-da-informacao.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022
- G1. **Natal na pandemia: famílias adaptam festas, e especialistas indicam como reduzir os riscos da Covid-19**. G1, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/12/22/natal-na-pandemia-familias-adaptam-festas-e-especialistas-indicam-como-reduzir-os-riscos-da-covid-19.ghtml>
- HALBWACHS, Maurice. Memória Coletiva e memória individual. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**, 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional->

[por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego](#)

JELIN, Elizabeth. **La Lucha por el pasado**: cómo construimos la memoria social. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

JOHNS HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. **Coronavirus resource center**. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

KIND, Luciana.; CORDEIRO, Rosineide. Narrativas sobre a morte: a gripe espanhola e a covid-19 no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, Pernambuco, v. 32, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32240740>. Acesso em: 22 abr. 2022

MEDICAL LIBRARY ASSOCIATION. Competencies for lifelong learning and professional success. 2017. Disponível em: <https://www.mlanet.org/p/cm/ld/fid=1217>. Acesso em: 22 abr. 2022.

NINA, Renée Rosane Vaz. O bibliotecário como profissional da informação e as representações de suas competências profissionais e pessoais para atuar em bibliotecas. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 13, n. 25, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/31371>. Acesso em: 15 abr. 2022.

POLLAK, Michael. Memoria e Identidad Social *In*: POLLAK, Michael. **Memoria, olvido, silencio**. La producción social de identidades frente a situaciones limite. Argentina: Ediciones Al Margen, 2006.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2022.

ROSSI, Amanda. **Navios portugueses e brasileiros fizeram mais de 9 mil viagens com africanos escravizados**. BBC News, São Paulo, 7 ago. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45092235#:~:text=4%2C8%20mil%C3%B5es%20de%20africanos,670%20mil%20morreram%20no%20caminho..> Acesso em: 15 abr. 2022

ROSSI, Tatiana.; COSTA, Marília Damiani.; PINTO, Adilson Luiz. Competências requeridas aos bibliotecários na prestação de serviços de informação em bibliotecas universitárias. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 19, n. 1, 2014. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/941>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SANTA ANNA, Jorge. O moderno profissional da informação à luz dos paradigmas da ciência da informação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/32501/18818>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. Coimbra: Annablume, 2012.

SCHUELER, Paulo. O que é uma pandemia, **FIOCRUZ**: Notícias e artigos, 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>

SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia. Gênero e Número, Sempreviva Organização Feminista, 2020. Disponível em: https://mulheresnapandemia.sof.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Relatorio_Pesquisa_SemParar.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

SILVA, Marisa Corrêa da. Racismo: um trauma coletivo não considerado. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal**, Pernambuco, v. 8, n. 11, 2021. Disponível em: <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/116>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SILVA, Franciéle C. G.; GARCEZ, Dirnele Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça para quem? justiça social, informacional, racial e de gênero em bibliotecas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: IBICT; UFRJ, 2021. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxienancib/schedConf/presentations>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspect. ciênc. inf.**, v. 15, n. 3, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362010000300005

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação”. **Inf. & Soc. Est.**, v.18, n. 3, p. 83-94, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1873/2275>

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C.; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy. Atuação e desafios das bibliotecas universitárias brasileiras durante a pandemia de COVID-19. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, Cuba, v. 31, n. 3, 2020. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/pdf/ics/v31n3/2307-2113-ics-31-03-e1615.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Ofício Circular nº5/2020/PROGRAD-GAB-UFGM. 20 de Março de 2020**. Belo Horizonte, UFGM. 20 de Mar,2020. Disponível em: https://ufmg.br/storage/9/9/4/2/99424bb16e027fd0518307ff1a96d02e_15847356997946_211_6127154.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Portaria nº 1729, de 13 de Março de 2020**. Belo Horizonte, UFGM. 18 de Março, 2020a. Disponível em: https://ufmg.br/storage/1/1/e/a/11ea78f7e8c95beddf1e6803bb2bfe4f_15845633356811_900_634772.pdf

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Portaria nº 1819, de 18 de Março de 2020**. Belo Horizonte, UFGM. 18 de Mar, 2020b. Disponível em: https://ufmg.br/storage/9/d/5/b/9d5bff9213dc34c2ed1763bb4c4143ea_15845832990431_37_8828222.pdf

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim. **Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Editora Polis, 2000. Disponível em: <https://abecin.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Profissionais-da-informacao.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022

WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro.; ROCHA, Ednéia Silva Santos. As bibliotecas diante de uma pandemia: atuação e planejamento devido a covid-19. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 25, n. 3, 2020. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1700>. Acesso em: 18 ago. 2022.

Recebido em: 25 de abril de 2022
Aprovado em: 03 de setembro de 2022
Publicado em: 03 de setembro de 2022